

A Rússia na Conflitualidade Internacional: uma Matriz Geográfica

Marco Cruz

Centro de Investigação e Desenvolvimento-Instituto Universitário Militar.

Sandra Fernandes

CICP-Universidade do Minho.

Resumo

A ação externa da Federação Russa ocorre numa escala geográfica alargada, em diferentes domínios e com recursos distintos. Em função dos interesses “em jogo”, Moscovo atribui diferentes prioridades consoante os espaços geográficos, através da aplicação, distintiva, de instrumentos políticos, económicos e militares. O artigo explora o posicionamento russo na conflitualidade mundial e a forma como é tributário da triangulação entre geografia, instrumentos usados e interesses envolvidos. Argumentamos que o posicionamento e a projeção do Kremlin podem ser elucidados tendo em consideração uma matriz geográfica que se divide em três zonas. Para além do (1) “near abroad”, a análise típica e analisa o (2) “mid abroad” e o (3) “far abroad”. O país empenha-se política e militarmente de forma distintiva, sendo que a margem de negociação em relação aos diferentes espaços geográficos é proporcional à distância geográfica. Numa altura em que

Washington está profundamente empenhado em conter a China na região do Indo-Pacífico, a Rússia procura explorar não só as oportunidades criadas pelo vazio de poder deixado em algumas regiões tradicionalmente mais influenciadas pelas potências ocidentais, mas sobretudo a sua importância estratégica para esta disputa, explorando vantagens de ambos os lados e trazendo para o tabuleiro geopolítico as questões consideradas vitais do “estrangeiro próximo”.

Palavras-chave: Rússia; estrangeiro próximo; estrangeiro intermédio; estrangeiro distante; conflito.

Abstract

Russia in International Conflict: a Geographical Matrix

The external action of the Russian Federation takes place on a wide geographical scale, in different domains and with different resources. Depending on the interests “at stake”, Moscow assigns different priorities depending on the geographical areas, through the distinctive application of political, economic and military instruments. The article explores the Russian position in conflicts and how it results from the triangulation between geography, instruments used and interests involved. We argue that the positioning and projection of the Kremlin can be elucidated taking into account a geographic matrix that is divided into three zones. In addition to (1) the “near abroad”, the analysis typifies and analyzes (2) the Russian “mid abroad” and (3) “far abroad”. The country engages politically and militarily in a distinctive way, and the margin of negotiation in

relation to the different geographic spaces is proportional to the geographic distance. At a time when Washington is deeply committed to containing China in the Indo-Pacific region, Russia seeks to exploit not only the opportunities created by the power vacuum left in some regions traditionally more influenced by Western powers, but above all its strategic importance for this dispute, exploiting advantages on both sides and bringing to the geopolitical board the issues considered vital in its “near abroad”.

Keywords: *Russia; Near Abroad; Mid Abroad; Far Abroad; Conflict.*

Artigo recebido: 24.03.2022

Aprovado: 12.04.2022

<https://doi.org/10.47906/ND2022.161.05>

Introdução

O papel da Rússia na história mundial, desde o grande império czarista russo, passando pela União Soviética, até à atual Federação Russa, confere-lhe um lugar no seio das grandes potências mundiais. A intervenção russa ocorre, em diferentes domínios e com recursos distintos, na maior parte dos espaços geográficos mundiais, desde os mais próximos das suas fronteiras, em particular a Sul – Cáucaso –, no Ártico e na Europa – pressão e guerra na Ucrânia –, até às regiões do Médio Oriente – Síria – e do Norte de África – Mali –, chegando a zonas mais distantes do continente americano – Venezuela.

Em razão da importância dos interesses “em jogo”, a Rússia atribui diferentes prioridades consoante os espaços geográficos, através da aplicação, distintiva, de instrumentos políticos, económicos e militares. Da mesma forma, também o uso das suas capacidades militares convencionais está reservado a determinados contextos, sobretudo aos que ocorrem junto às suas fronteiras, no designado espaço pós-soviético, a exemplo da intervenção bélica na Geórgia (2008) e na Ucrânia (2014) e da invasão da Ucrânia a 24 de fevereiro de 2022. A centralidade desta região para o contexto militar russo é plenamente assumida na atual Estratégia Nacional de Segurança Russa (ENSR), publicada em julho de 2021, quando é feita referência à postura agressiva das interferências militares da NATO, através do estabelecimento de infraestruturas junto dos países aliados e parceiros da Rússia (RF, 2021, p. 11). A orientação russa em termos militares é apresentada como defensiva, procurando assim impedir o alargamento das organizações ocidentais – NATO e UE – nesta região.

A elucidação da posição russa na conflitualidade mundial é, assim, tributária da triangulação entre geografia, instrumentos usados e interesses envolvidos. As diferenças de organização dos espaços geográficos são identificadas nos documentos estratégicos russos, em particular na sua recente ENSR (RF, 2021). Enquanto a vizinhança imediata é vista como uma área prioritária para a segurança nacional, à medida que nos afastamos geograficamente deste “espaço vital” percebemos que os objetivos e, conseqüentemente os instrumentos, variam em dimensão e em prioridade.

A vizinhança imediata da Federação Russa é conceptualizada pelo Kremlin de forma singular sob a expressão “estrangeiro próximo” no rescaldo da desintegração da União Soviética. O termo surgiu pela primeira vez após a implosão da União Soviética, sendo considerado um “rótulo” geopolítico, referindo-se às ex-repúblicas socialistas soviéticas e aos países que se encontravam no bloco soviético, que desde essa altura passaram a ser países soberanos independentes (Toal, 2017).

O nosso artigo tem por objetivo oferecer um olhar cruzado sobre o panorama da conflitualidade mundial atual e o papel da Rússia em conflitos e crises internacio-

nais. A nossa análise foi tecida a montante da decisão de Putin de invadir a Ucrânia e contribui para a elucidação desta nova guerra. Argumentamos que o posicionamento e a projeção de Moscovo podem ser elucidados tendo em consideração uma matriz geográfica que se divide em três zonas. Para além do (1) *near abroad* acima mencionado, tipificamos e analisamos o (2) *mid abroad* e o (3) *far abroad*.

O termo *near abroad* reconhece o estatuto independente dos novos Estados oriundos da desintegração da União Soviética, mas esses países continuam sob a influência russa, tendo em conta que continuam a pertencer à antiga família soviética (Toal, 2017, p. 3)¹. “Tendo perdido a Europa de Leste, a URSS perdeu a sua mais importante zona de defesa e recebeu um colossal golpe geopolítico” (Dugin, 2016, p. 70). O estrangeiro intermédio – *mid abroad* – estende-se a regiões do Médio Oriente e sobretudo a grande parte do continente africano, com especial incidência na região norte e na parte litoral a ocidente – Golfo da Guiné – e a Leste – Corno de África – desse continente. O estrangeiro longínquo – *far abroad* – corresponde a regiões de intervenção russa mais distantes, materializadas no continente americano – centro e sul –, cuja proximidade histórica e ideológica permitem a Moscovo interferir nos espaços estratégicos norte-americanos. De seguida, analisamos os interesses e as formas de intervenção russas nos conflitos que ocorrem em cada um desses três espaços, contribuindo assim para a identificação de áreas geopolíticas distintas para Moscovo e, portanto, para a inteção da geopolítica da Rússia contemporânea.

1. O “Estrangeiro Próximo” como “Espaço Estratégico Vital” Face ao Ocidente

As relações entre a Rússia e o Ocidente, em particular com os Estados Unidos da América (EUA), a Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO)² e a União Europeia (UE), têm registado, ao longo da história, períodos de aproximação e de afastamento. Durante a Guerra Fria, as relações entre as potências ocidentais e a então União Soviética foram de rivalidade estratégica, através da procura e disputa de espaço de influência, quer em termos políticos – e, portanto, ideológicos –, quer militares (Gaddis, 2007). A implosão da União Soviética abriu espaço para uma maior aproximação entre a sua sucessora Federação Russa e as organizações

1 A atual guerra na Ucrânia veio alterar este entendimento uma vez que os argumentos invocados pelo Kremlin deixam de reconhecer a independência do país. O patriarca de Moscovo reforçou esta linha de pensamento ao propor a unificação da Rússia e da Ucrânia (Michels, 2022).

2 Por uma questão de uso e reconhecimento internacional usaremos o acrónimo NATO (North Atlantic Treaty Organization).

ocidentais, em virtude da preponderância que os líderes russos mais sensíveis ao modelo económico ocidental tiveram na orientação política do Estado russo (Thorun, 2009; Fernandes, 2013).

Os atentados terroristas do 11 de Setembro de 2001 aprofundaram, ainda mais, esta proximidade. Já durante a presidência de Vladimir Putin, a Rússia manifestou o seu apoio às ações dos EUA e da NATO, incluindo a construção de bases militares, em diferentes espaços relevantes para a Rússia, designadamente no Afeganistão³ (Cardier, 2015, p. 160). Para além do apoio militar e da partilha de informação, que ajudaram a combater o terrorismo à escala global, procurando ainda prevenir ações em território russo, este apoio foi também visível ao nível das Nações Unidas, com Moscovo a votar favoravelmente a resolução que deu legitimidade à intervenção internacional militar por parte de forças americanas e dos seus aliados ocidentais no Afeganistão.

Pelo contrário, tal como havia acontecido em relação ao conflito dos Balcãs e à intervenção da NATO no Kosovo contra as forças militares sérvias, também o conflito do Iraque, em 2003, foi condenado pela Rússia, usando inclusivamente o seu poder de veto no Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU). Este fator é apontado como um importante ponto de viragem nas relações entre o Ocidente e a Rússia. Para Putin, os argumentos apresentados pelo presidente George W. Bush e pelos líderes europeus que acompanharam a América não foram suficientes para justificar a intervenção militar americana no Iraque⁴ (Kononenko, 2003; Stoner e McFaul, 2015).

A prosperidade económica, a par dos conflitos ocorridos nas regiões autónomas da Geórgia – da Ossétia do Sul e da Abecásia –, em 2008, e das designadas revoluções coloridas – Rosa e Laranja –, que levaram à deposição de governantes na Geórgia e na Ucrânia, mais próximos do Kremlin, fizeram mudar a posição russa em relação ao Ocidente. A mudança dos governos ucraniano e georgiano, que declaram uma ambição de fazer uma aproximação e eventual integração nas instituições euro-atlânticas, procurando assim usufruir dos apoios económicos e dos desenvolvimentos da UE e do “chapéu” securitário da NATO, aprofundou as divisões entre

3 Durante grande parte do período da Guerra Fria, o Afeganistão, a par do Irão, foi um dos Estados considerados como “zona tampão” entre soviéticos e as potências ocidentais. A invasão das forças soviéticas em 1979 alterou, no entanto, este estatuto. Segundo Trenin (2001, p. 63), os soviéticos pretendiam projetar poder para sul, permitindo que a sua Força Aérea, através de bases militares em território afegão, tivesse alcance para o Estreito de Ormuz.

4 No ano que antecedeu a invasão, por forte influência russa, as Nações Unidas publicaram a Resolução 1441, adotada pelo Conselho de Segurança a 8 de novembro (UNSC, 2002) que identifica o papel que a organização tinha na questão iraquiana, recusando uma intervenção militar unilateral. Os argumentos apresentados por Putin estavam, aliás, alinhados com o conteúdo desta resolução (Radio Free Europe, 2002).

a Rússia, as potências ocidentais e as instituições internacionais (Casier, 2016, pp. 18-19; Mendras, 2015, p. 85).

Para Putin, as revoluções tiveram como destino último enfraquecer a Rússia, procurando condicionar internamente os desenvolvimentos políticos e sociais. Mais significativamente, a instalação de regimes pró-ocidentais representou um passo decisivo para a plena integração nas instituições ocidentais, retirando a Moscovo a sua influência em espaços vitais, fazendo não só o seu cerco (Crowley, 2018), mas retirando a zona tampão entre a Rússia e o Ocidente (Haas, 2010, p. 3). Ou seja, na ótica de Moscovo, tal como durante o período da Guerra Fria, os países do Ocidente procuravam subjugar a Rússia, tentando limitar a sua influência.

Esta perspetiva acabou por estar no epicentro da evolução da posição russa, não apenas em relação às dinâmicas de cooperação com o Ocidente⁵, mas também no que diz respeito à própria ordem internacional. No discurso que fez em 2007, Vladimir Putin deixa estas questões explícitas, identificando desde logo o que acredita ser a maior catástrofe geopolítica do século XX: a implosão da União Soviética (Putin, 2007). Além disso, destaca as posturas agressivas do Ocidente, através das políticas de alargamento da NATO e da UE aos Estados pós-soviéticos, que considera cruciais para a política externa russa (Cardier, 2015, p. 156; Dugin, 2016, p. 123).

Para o Kremlin, a postura ofensiva do Ocidente exercida na região próxima das suas fronteiras, que inclui os Estados pertencentes à Comunidade dos Estados Independentes (CEI) e, de forma mais alargada, aos antigos Estados satélites da União Soviética, através da construção de bases militares e do desenvolvimento de sistemas antimísseis, coloca em causa os seus interesses nestas regiões e a sua segurança nacional. A importância desta região geográfica, entre a planície europeia a Norte da Bielorrússia e o controlo a Sul dos Cárpatos na Ucrânia, dá não só a capacidade da Rússia de se defender, mas também ameaçar fazer um ataque à Europa, dos Bálticos ao Mar Negro (Friedman, 2021).

No sentido de garantir os seus objetivos nestas regiões, o Kremlin tem usado todos os seus instrumentos de poder: políticos, económicos, culturais, informacionais e militares. Assim, merecem destaque não apenas a aplicação de meios cinéticos por forças militares regulares, a exemplo do que foi feito na Geórgia, na Chechénia e, mais recentemente na Ucrânia, mas também o conjunto de instrumentos não convencionais, através da realização de ataques cibernéticos (Roguski, 2020), da

5 O reforço da civilização russa, em contraposição com o Ocidente, e a ambição global do país, tal como no período soviético, dinamizam essa mesma ambição, procurando mitigar as fragilidades russas em diferentes áreas, em particular em termos económicos, ocupando a 11.ª posição em termos mundiais, com a economia russa a representar apenas 1,95% da economia global (World Barometer, 2021), e em termos populacionais, assumindo a nona posição (World Barometer, 2021b).

promoção de campanhas de propaganda e de desinformação e envolvendo forças não regulares de mercenários nestes territórios (Iasynskyi, 2017).

Ao nível político, a atuação do Moscovo é sobretudo dirigida às elites destes Estados, procurando influenciar os seus alinhamentos internacionais, contrários à aproximação e integração em dinâmicas ocidentais. Esta proximidade política é suportada quer por questões económicas, quer pelo apoio que é dado pelo Kremlin à continuidade desses regimes em termos internos, pondo termo a movimentos de oposição, através de ações de coação, de assassinato e de rapto. Ainda neste âmbito, importa destacar os benefícios atribuídos à venda de energia – gás e petróleo – a Estados considerados “amigos”, com a prática de preços abaixo do preço de mercado, os quais, além de comprarem a preços mais elevados, são ameaçados com cortes no fornecimento (European Parliament, 2018).

No domínio informacional, é nesta região que a Rússia emprega grande parte das suas capacidades. Além do envolvimento dos serviços de informações russos, regista-se ainda o desenvolvimento de campanhas de desinformação e de propaganda, no sentido de melhorar a imagem da Rússia junto das comunidades desses países e de condicionar a sua visão em relação às potências ocidentais (Helmus *et al.*, 2018). Para tal, são usados os órgãos de comunicação social nacionais, a Igreja Ortodoxa, que está muito próxima do Kremlin em termos da política interna e externa, e as comunidades russas do designado espaço cultural. A importância destas comunidades fora das fronteiras geográficas russas dá legitimidade à intervenção russa nestes territórios. Quando assinou o decreto para a inclusão da Crimeia no mapa da Rússia em 2014, Putin defendeu a intervenção como forma de proteção das comunidades russas contra o regime ucraniano pró-ocidental (Isachenkov, 2014).

Uma última dimensão diz respeito à importância do vetor militar, materializado quer na venda direta de armamento, quer também na formação das Forças Armadas de cada um dos Estados próximos do Kremlin, favorecendo inclusivamente a construção de bases militares russas nesses territórios (Hedenskog, Holmquist e Norberg, 2018). Assim, além de procurar incluir estes Estados em organizações regionais lideradas por Moscovo (Adomeit, 2012), as questões militares são também elas muito relevantes para a predominância russa (Stronski, 2020). No caso da Bielorrússia, em resultado desta proximidade, um dos eixos de entrada das forças militares russas na Ucrânia é feito a partir do território bielorrusso (Gressel e Slunkin, 2022). O governo de Minsk não hesitou em permitir o estacionamento e a passagem de capacidades militares russas pelo seu território, estando inclusivamente a apoiar logisticamente as forças russas (Whitmore, 2022).

Dado o carácter vital dos interesses no seu estrangeiro próximo, o regime de Moscovo está disposto a aplicar todos os instrumentos de poder, incluindo os militares, dado tratar-se da sua própria sobrevivência e dos valores russos. A Rússia de

Vladimir Putin não só não deixará de exercer influência nestas regiões, como irá repelir aproximações ocidentais, sobretudo de integração em organizações como a NATO e a UE, ou de outros atores destes regionais. Embora se faça referência à parte mais ocidental da Rússia, merecem igualmente destaque as regiões do Cáucaso do Sul e de toda a Ásia Oriental, onde a Rússia tem ainda disputas de fronteira com a China⁶.

No seu flanco ocidental, o palco de intervenção russo é sobretudo centrado nos espaços de influência tradicionais e cuja proximidade geográfica e desafios securitários são vistos por Moscovo com grande preocupação. Assumem especial destaque a Bielorrússia, a Ucrânia e a Moldávia, enquanto zonas tampão (Toucas, 2017; Tabachnik, 2019), ou seja, como uma espécie de “cordão sanitário” em relação ao Ocidente, e, em menor escala, os Países Bálticos – Estónia, Letónia e Lituânia –, a Polónia, a República Checa, Roménia e Bulgária. Esta preocupação ficou evidente na mais recente proposta de Tratado elaborado de forma unilateral pelo governo russo (Ministério dos Negócios Estrangeiros da Rússia, 2021). Moscovo propõe aos EUA enquanto “garantia de segurança” o não alargamento da NATO aos países das “ex-Repúblicas Socialistas da União Soviética”.

A fronteira a Sul inclui os territórios da Geórgia, Arménia, Azerbaijão, Turquemenistão, Uzbequistão, Tadjiquistão, Quirguistão e, sobretudo, o Cazaquistão. Tal como na parte ocidental, uma percentagem da população é de origem ou descendência russas. Aqui, para além da aplicação da diplomacia, o predomínio russo é feito através da projeção militar, em operações de manutenção de paz em toda a região (Friedman, 2021), a exemplo do conflito de Nagorno-Karabakh (Vartanyan, 2021).

2. O *Mid Abroad*: Entre Sentido de Oportunidade e Expansionismo

Embora dedique grande parte das suas capacidades, e também das suas prioridades, no espaço geopolítico analisado no capítulo anterior, a Rússia tem procurado alargar a sua influência a zonas mais afastadas das suas fronteiras, tornando-se dessa forma mais relevante no plano internacional. Esta expansão russa decorre, em larga medida, do redireccionamento estratégico das potências ocidentais, sobretudo dos EUA, para a região do Indo-Pacífico (Hass, 2022; The White House, 2022).

6 A atual proximidade entre Pequim e Moscovo, ao nível político, económico e militar, “marcam” esses mesmos diferendos (Jennings, 2021), estando, nesta altura, os dois Estados mais preocupados em cooperar para conter o predomínio norte-americano em termos internacionais e em espaços geográficos de interesses vitais para ambos, nomeadamente o Mar do Sul da China e a Europa de Leste.

Os “vazios de poder” assim deixados noutras regiões têm sido aproveitados pela Rússia. Para além do Afeganistão, a presença russa aumentou no continente africano e no Médio Oriente, a partir da participação de militares russos no conflito da Síria.

A Síria constitui um dos exemplos-chave relativamente à forma como o Kremlin tem orientado a sua política externa no *mid abroad*. O apoio político, diplomático e militar ao regime do presidente Bashar al-Assad elevou a posição russa nas negociações com as restantes potências internacionais, em particular com os EUA. A intervenção russa permitiu testar as suas capacidades militares⁷ e reforçou militarmente a sua posição junto dos parceiros regionais, designadamente da Turquia. O mesmo pode ser referido em relação ao Afeganistão. A retirada do contingente militar americano e da NATO tem permitido à Rússia assumir uma maior influência na governação do Estado afegão (Janse, 2021), tendo sido simbólica e relevante a visita dos taliban a Moscovo, antes de terem assumido o poder (Isachenkov, 2021).

Existem, também, oportunidades económicas no *mid abroad*, inclusive em espaços mais afastados das suas fronteiras, destacando-se a presença, cada vez mais alargada, no continente africano (Neethling, 2019). As vantagens económicas justificam o envolvimento da Rússia na Líbia (Harchaqui, 2021), no Zimbabué (Maslov e Zaytsen, 2018), no Mali (Adeoye, 2021), em Madagáscar (Schwartz e Borgia, 2019), na Guiné-Bissau (Macleon, 2019) e na República Democrática do Congo (Ramani, 2021). As questões energéticas, a venda de armamento e a exploração de minerais – ouro e diamantes – são os interesses centrais. Grande parte dos capitais de uma das maiores empresas angolanas de exploração de diamantes, Sociedade Mineira Catoca Lda., é detida pela empresa russa Alrosa (Milo, 2019).

Relativamente à energia, apesar das extensas reservas de hidrocarbonetos, as relações favoráveis com a maior parte dos Estados do Norte de África e dos Golfo da Guiné e do Corno de África, também eles importantes fontes de produção de petróleo e gás natural, abre oportunidade às empresas russas, sobretudo à Gazprom e a muitas das suas empresas satélite, para a exploração das suas reservas.

No caso do setor da venda de armamento, grande parte dos Estados africanos veem na Rússia um importante parceiro, a par da China. Connolly e Sendstad (2017) sublinham que existe tecnologia vendida pelas empresas estatais russas que não está disponível para os militares russos. Existe cooperação ao nível militar que inclui não apenas a venda, mas também o treino e formação militar na maior parte dos países do Sahel, da África Austral, incluindo Moçambique e do Norte de África (Egito, Líbia e Argélia).

7 O Ministro da Defesa russo, Serguei Shoigu, afirmou, em julho 2021, terem sido testadas cerca de 320 armas russas (Daily Sabah, 2021).

Esta cooperação militar é feita não apenas por forças regulares do exército russo, mas igualmente através de empresas (militares) de segurança privada, em particular da Wagner Group. Apesar de negar a sua ligação, são reportados diversos contratos entre o responsável da empresa, Yevgeny Prigozhin⁸, e o ministério da defesa russo. A proximidade que existe com o Presidente russo leva diversas fontes a estabelecer não apenas a ligação à Wagner como também aos objetivos russos em termos externos, atuando como um instrumento armado, por procuração, ao serviço da influência do Kremlin. Para além de servir os objetivos políticos de Moscovo, as questões económicas constituem o principal ponto de ancoragem para a ligação da Wagner ao Kremlin. No caso da República Centro-Africana (RCA), a extração de recursos minerais, em particular de diamantes, constitui uma importante fonte de financiamento e de motivação para a formação da Wagner às Forças Armadas da RCA.

A Síria constitui outro exemplo onde objetivos políticos e económicos são prosseguidos pela Wagner. Ao mesmo tempo que elementos da empresa deram proteção ao próprio presidente sírio durante os combates com os grupos internos de oposição, outra empresa do grupo da Wagner, a Kapital, celebrou contratos de exploração de gás e petróleo com o próprio governo sírio (Mackinnon, 2021b). No Sudão, a presença da Wagner tem na exploração das minas de ouro a sua componente principal, explorando as fragilidades do governo no setor da segurança e da defesa do território sudanês e ministrando treino às próprias Forças Armadas (Dalaa e Aksoy, 2021).

O alargamento dos instrumentos de *soft power* é também visível no *mid abroad*. Para além da aquisição de órgãos de comunicação social nacionais e da expansão das plataformas de comunicação russas, em particular a cadeia de notícias internacional *Russian Today* (RT) e do *site* de notícias e rádio *Sputnik*, a influência russa é feita igualmente através da indústria cinematográfica. Voltando à RCA, encontra-se em antestreia o filme “*Tourist*”⁹ – um filme de guerra russo, que pretende reforçar a imagem russa junto da população. Nas ruas da capital Bangui podem ser vistos diversos cartazes com *slogans* tais como a “República Centro-Africana de mãos dadas com a Rússia” (Eckel, 2019). Segundo Pildegovičs, VanSant e Hanley (2019), existem oito narrativas referentes às atividades russas no domínio da informação

8 Para além da liderança da empresa Wagner, este oligarca russo é ainda principal responsável pelas empresas Concord Management and Consulting LLC e Concord Catering e da empresa de Internet Research Agency LLC, que se ocupa de atividade de *troll farm* com sede em São Petersburgo. Estas empresas foram condenadas, em 2018, pela justiça norte-americana por terem interferido, através de ações de propaganda e de desinformação nas eleições americanas de 2016 (Alba, 2020; USA, 2018).

9 <https://www.youtube.com/watch?v=lcMt3-z-2WQ> [idem]

em território centro-africano, sendo elas: a Rússia capacita a RCA; traz a paz à RCA; o Ocidente destabiliza a RCA; o Ocidente é um colonizador; a Rússia apoia o pan-africanismo; a Rússia fomenta o desenvolvimento da RCA; e não confie nos órgãos de comunicação social ocidentais.

Além do interesse económico, a atuação da Rússia nas regiões do “estrangeiro intermédio” tem por base a sua afirmação internacional, alargando assim o seu peso nos processos de negociação e de mediação que vierem a ser realizados nestes espaços. Este fator permite inclusivamente aumentar a margem de entendimento nos espaços geográficos mais próximos do “estrangeiro próximo”. A novidade das prioridades dadas por Moscovo a estes espaços parece ser a aplicação de instrumentos que relevam o poder de atração russo muito além das comunidades russas. Se, no caso do período da Guerra Fria, as questões ideológicas, relacionadas com o modelo político do socialismo comunista, constituíram um elemento central para a expansão soviética, o *soft power* russo é hoje em dia igualmente eficiente, incluindo uma panóplia muito alargada de instrumentos, físicos e digitais, que fazem da Rússia um ator relevante, ao nível político, económico, social e militar nestes espaços geográficos intermédios.

3. O *Far Abroad* Russo: o Anti-americanismo nas Américas

A atuação da Rússia nos espaços mais afastados, em particular na América Central, resulta ainda das ligações de alguns dos Estados dessas regiões com a antiga União Soviética. Para além do regime cubano, destacam-se a Nicarágua e Venezuela. A atuação de Moscovo nestes países não tem a ambição de outrora, porém alimenta grande parte dos objetivos da Rússia em manter o estatuto de potência global, sem o ser efetivamente.¹⁰ A par da capacidade nuclear e do lugar que ocupa no CSNU, enquanto membro permanente, a influência russa no continente americano dá suporte à narrativa de Putin de afirmação em termos internos e internacionais. Esta questão assumiu um especial significado a partir da altura em que o anterior presidente norte-americano, Barack Obama, se referiu à Rússia como uma potência regional, condicionando, dessa forma, a ambição russa (Borger, 2014).

Para os regimes desses países do continente americano, a ligação à Rússia surge não apenas para contrabalançar o poder americano em todo o continente, que se iniciou historicamente com a doutrina Monroe (1823), mas igualmente para manter, na maior parte dos casos, à força, os respetivos regimes. A Venezuela é um exemplo do apoio dado pelo Kremlin ao atual presidente Nicolás Maduro. A crise política

¹⁰ A este respeito importa ler o artigo de Luís Tomé (2018).

que teve início em 2013, com o governo em profunda crise de legitimidade interna, recorrendo à extrema violência para controlar as diversas manifestações e detendo os principais líderes da oposição, conheceu um importante desenvolvimento no início de 2019, quando o presidente da Assembleia Nacional, Juan Guaidó, se auto-proclamou presidente interino da Venezuela, enquanto o país estivesse em processo de transição de poder.

Em termos internacionais, existiu uma divisão relativamente ao reconhecimento do presidente da Venezuela. Maduro teve na Rússia um aliado de peso, a par do regime chinês, continuando dessa forma a manter o seu poder internamente. Este apoio político declarado da Rússia inclui a projeção de militares russos, no sentido de apoiar elementos das Forças Armadas venezuelanas, também elas muito fragilizadas e divididas em relação ao reconhecimento do presidente do país.

Em termos militares, a proximidade com a Venezuela não é novidade, dado o fornecimento de armamento russo ao regime de Hugo Chávez. Em 2008, meios militares russos participaram no exercício naval realizado no mar da Caraíbas, em particular o avião bombardeiro estratégico TU-160 (Romero e Levy, 2008). O exercício teve como objetivo principal posicionar Moscovo face a Washington no contexto das designadas revoluções coloridas, que punham em causa áreas de interesse direto de Moscovo – Ucrânia e Geórgia –, além do próprio governo russo (Orozco e Llana, 2008; Petersen, 2008). Durante a crise política venezuelana, de 2019, foi reportada a presença de aeronaves militares russas, *Antonov-124*, num aeroporto secundário de Caracas, que, para além de material militar, transportavam igualmente militares russos (BBC, 2019).

Em resultado da ligação política, também em termos económicos a Rússia está muito próxima da Venezuela, no âmbito do setor energético e da venda de armamento militar. Sendo o maior produtor mundial de petróleo, a Venezuela viu as empresas de energia russas a reforçarem as suas posições nos locais de exploração. A Rosneft, empresa detida e controlada pelo Estado russo, tem recebido, através da operação conjunta (*joint venture*) com a Petróleos de Venezuela S.A. (PDVSA)¹¹, lucros avultados (Lowe e Sagdiev, 2019). Apesar das expectativas terem ficado aquém do inicialmente esperado, os apoios estatais do governo venezuelano suportaram os elevados lucros da empresa russa na exploração de petróleo venezuelano.

A Venezuela é, também, um importante parceiro comercial para a venda de armamento russo. Em 2019, Caracas adquiriu, por 10 mil milhões de dólares, 36 caças de combate Su-30MK2 (Roblin, 2019). Embora os dados oficiais sejam escassos em

11 “Rosneft has become Venezuela’s largest oil trader, taking 66 percent of PDVSA oil exports in August 2019, up from 44% in July” (Herbst e Marczak, 2019).

relação ao investimento militar, algumas fontes indicam que, desde 2015, o país tem aumentado o seu investimento em equipamento e armamento, uma tendência que já vinha a ser verificada desde 2006, altura em que o país era ainda governado por Hugo Chávez. O recurso ao programa financiado diretamente pelo Banco Estatal e pela petrolífera Petróleos de Venezuela, S.A. (PDVSA), Fondo de Desarrollo Nacional S. A. (FONDEN), tem permitido esse aumento constante. Estas aquisições são feitas em grande parte à indústria russa e chinesa, apesar das discrepâncias serem ainda muito elevadas em favor da Rússia (Tian e Silva, 2019).

É também através do armamento que a Rússia influencia a Nicarágua, outro dos países da América Central com grande proximidade política a Moscovo. A presença histórica de Moscovo na Nicarágua, em particular na década de 1980, no apoio dado às revoluções populares sandinistas, tem permitido aos dois países estabelecerem relações económicas e políticas. Além de programas de aquisição e de modernização de capacidades militares, a cooperação entre russos e nicaraguenses faz-se também ao nível da formação militar e da proteção civil.

Esta proximidade entre os dois governos foi manifestada em 2008, quando Daniel Ortega apoiou a Rússia na declaração de independência unilateral da Abecásia e da Ossétia do Sul (Chaguaceda, 2019). O mesmo aconteceu em 2014 em relação à invasão da Rússia na Crimeia. Também aqui a Nicarágua reconheceu esta anexação como legítima, afirmando publicamente que o território da Crimeia faz parte da Rússia. Para além de Manágua, juntaram-se a este reconhecimento a Venezuela, a Coreia do Norte, o Afeganistão, a Síria e Cuba (Bender, 2016).

O governo cubano é também historicamente próximo da Rússia. O papel desempenhado por Havana durante a Guerra Fria, sendo inclusivamente palco de uma das principais crises desse período, a designada crise dos mísseis de Cuba de 1962, teve uma continuidade ao longo dos anos, mesmo quando o seu líder, Fidel Castro, deixou o poder. As questões económicas têm uma elevada expressão, através da componente da energia e do armamento. Em 2009, foi anunciado um contrato de exploração de petróleo nas águas profundas da zona económica exclusiva de Cuba, uma operação conjunta entre a empresa russa Zarubezhneft e a empresa cubana Cubapetroleo (BBC, 2009). Em maio de 2021, Vladimir Putin convocou o recém-eleito líder do Partido Comunista Cubano, Miguel Diaz-Canel, para o desenvolvimento de uma parceria estratégica, inclusivamente no combate coordenado à pandemia Covid-19 (AFP, 2021).

Em resultado das relações privilegiadas com estes países do *far abroad*, a Rússia procura criar condições para influenciar a zona geográfica mais sensível para a segurança dos EUA, o seu próprio *near abroad*. Por razões diferentes, os Estados desta região têm o mesmo valor estratégico para os norte-americanos que os russos atribuem ao seu “estrangeiro próximo”, acima mencionado. Na visão de Moscovo, ao mesmo tempo que os EUA procuram influenciar a “zona de interesse vital”

russa, também esta deve exercer influência nos países hostis a Washington (Perera, 2021; Weiss, 2022; O'Connor, 2022).

Assim, para além da obtenção dos benefícios económicos, relacionados com a energia e com o armamento, em termos geopolíticos a interferência da Rússia no seu “estrangeiro distante” tem dois objetivos essenciais. O primeiro consiste em procurar aumentar a sua margem de negociação com os EUA em assuntos e áreas geográficas mais críticas para a Rússia. A este respeito, as atuações da Rússia na Crimeia e na Geórgia – Ossétia do Sul e Abecásia – tiveram eco nas relações com os países centro-americanos mais próximos de Moscovo.

O segundo objetivo estratégico de Moscovo diz respeito ao aporte que a influência russa nestas regiões atribui à ambicionada capacidade global da Rússia. A intervenção russa procura, assim, colocar o país no mesmo patamar de potências globais, designadamente dos EUA e da China, sem ter o potencial económico e humano destes dois Estados. Além disso, a proximidade e a influência de Moscovo junto dos governos dos Estados da América Central “alimentam” a narrativa de uma Rússia detentora de uma estratégia e ambição global, recuperando o legado soviético (Gurganus, 2018; Berg e Brands, 2021, p. 11).

Conclusão

Os três diferentes anéis geográficos russos – “estrangeiro próximo”, “estrangeiro intermédio” e “estrangeiro distante” – têm nos objetivos e interesses do Kremlin o seu principal elemento diferenciador. Moscovo empenha-se política e militarmente de forma distintiva, sendo que a margem de negociação em relação aos diferentes espaços geográficos é proporcional à distância geográfica. Se, por um lado, existe pouca (ou nenhuma) tolerância em relação aos objetivos do seu “estrangeiro próximo”, dada a importância que esta região assume para a segurança da Rússia e para a própria sobrevivência do Kremlin, por outro lado, no seu “estrangeiro intermédio” e “longínquo”, Vladimir Putin procura reforçar a posição russa no sistema internacional, enquanto potência global. A influência que Moscovo tem nos Estados que compõem estes dois anéis mais afastados é igualmente usada nas disputas com as potências ocidentais, na medida em que servem como contrapeso às tensões nos espaços mais próximos da sua fronteira.

No seu “estrangeiro próximo”, a Rússia está disponível para aplicar todos os seus meios, incluindo os militares. Este aspeto é central na atualidade, dadas a escalada das tensões com a potências ocidentais em relação à Ucrânia e a guerra iniciada a 24 de fevereiro de 2022. Mesmo quando o cenário de invasão russa estava ainda afastado, apesar da forte concentração de militares russos na fronteira ucraniana (Smith, Shabad e Pettypiece, 2022), vislumbrava-se que a aproximação e a even-

tual abertura do processo de integração da Ucrânia na NATO levaria, certamente, a uma reação extremamente agressiva por parte da Rússia. De igual modo, uma alteração política na Bielorrússia hostil ao Kremlin, levará a semelhante retaliação. As políticas de alargamento da NATO e, em menor escala da UE, são assim vistas como uma interferência das potências ocidentais em objetivos vitais russos.

Para além das questões económicas, a intervenção da Rússia no seu “estrangeiro intermédio” e “longínquo”, onde tem combatido com forças regulares e irregulares, orienta as prioridades de Moscovo de se assumir como potência relevante à escala global, procurando mitigar as suas vulnerabilidades próprias, relacionadas em grande parte com a anémica demografia e economia. Nestes dois anéis regionais, a Rússia assume-se como um ator de peso, que as restantes potências ocidentais, africanas e asiáticas, devem ter em conta para a resolução de conflitos e para concretizar os seus próprios interesses. É com base nesta necessidade que o Kremlin alarga o seu poder de negociação para o espaço mais próximo, dando entendimento à procura de Moscovo em “fechar” a questão ucraniana, através da garantia, por Tratado, e por declaração de guerra, de que a Ucrânia nunca fará parte da NATO.

Numa altura em que Washington está profundamente empenhado em conter a China na região do Indo-Pacífico, a Rússia procura explorar não só as oportunidades criadas pelo vazio de poder deixado em algumas regiões tradicionalmente mais influenciadas pelas potências ocidentais, mas sobretudo a sua importância estratégica para esta disputa, explorando vantagens de ambos os lados e trazendo para o tabuleiro geopolítico as questões consideradas vitais do “estrangeiro próximo”.

Referências Bibliográficas

- Adeoye, A. (2021). Russia's presence in Mali raises concerns. *Chatham House*, 14 December. Disponível em <https://www.chathamhouse.org/2021/12/russias-presence-mali-raises-concerns>
- Adomeit, H. (2012). Putin's 'Eurasian Union': Russia's integration project and policies on post-soviet space. *Neighborhood Policy Paper*, 4, July. Istanbul: Center for International and European Studies. Disponível em [https://www.khas.edu.tr/cms/cies/dosyalar/files/black_sea_04\(1\).pdf](https://www.khas.edu.tr/cms/cies/dosyalar/files/black_sea_04(1).pdf)
- Agence France-Presse (AFP) (2021). Russia, Cuba seek closer 'strategic partnership'. *France 24*, issued on: 20/04/2021, 22:56. Disponível em <https://www.france24.com/en/live-news/20210420-russia-cuba-seek-closer-strategic-partnership>
- BBC (2009). Russia to drill for oil off Cuba. *BBC*, 22:37 UK, 29 July 2009. Disponível em <http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/8175704.stm>
- Bender, J. (2016). These are the 6 countries on board with Russia's illegal annexation of Crimea. *Insider*, 5:16 PM, May 31. Disponível em <https://www.businessinsider.com/six-countries-okay-with-russias-annexation-of-crimea-2016-5>
- Borger, J. (2014). Barack Obama: Russia is a regional power showing weakness over Ukraine. *The Guardian*, 17:48 GMT, Tue 25 Mar. Disponível em <https://www.theguardian.com/world/2014/mar/25/barack-obama-russia-regional-power-ukraine-weakness>
- Casier, T. (2016). Identities and Images of Competition in the Overlapping Neighbourhoods: How EU and Russian Foreign Policies Interact. Em, Piet, R. e Simão, L., eds., *Security in Shared Neighbourhoods Foreign Policy of Russia, Turkey and the EU*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, pp. 13-34.
- Chaguaceda, A. (2019). Russia and Nicaragua: Progress in bilateral cooperation. *Global Americans*, March 28. Disponível em <https://theglobalamericans.org/2019/03/russia-and-nicaragua-progress-in-bilateral-cooperation/>
- Connolly, R. e Sendstad, C. (2017). Russia's Role as an Arms Exporter: The Strategic and Economic Importance of Arms Exports for Russia. *Research Paper*, 2017. The Royal Institute of International Affairs, Chatham House. Disponível em <https://www.chathamhouse.org/sites/default/files/publications/research/2017-03-20-russia-arms-exporter-connolly-sendstad.pdf>
- Couto, A. (2020). *Elementos de Estratégia: Apontamentos para um Curso*, Vol. I. Alfragide: Fundação Casa Carvalho Cerqueira/LeYa, S.A.
- Crowley, S. T. (2018). NATO 'Encirclement' May Be Creating a New Crisis with Russia. *The National Interest*, August 2. Disponível em <https://nationalinterest.org/blog/skeptics/nato-encirclement-may-be-creating-new-crisis-russia-27617>
- Daily Sabah (2021). Russia tested over 320 weapons in Syria, Shoigu says. *Daily Sabah*, 9:45 AM GMT+3, Jul 15, 2021, Istanbul. Disponível em <https://www.dailysabah.com/world/syrian-crisis/russia-tested-over-320-weapons-in-syria-shoigu-says>

- Dugin, A. (2016). *Geopolítica da Rússia Contemporânea*. Lisboa: Instituto de Altos Estudos em Geopolítica e Ciências Auxiliares.
- Eckel, M. (2019). New Scrutiny For ‘Putin’s Chef’ And Russian Mercenaries In Africa. *Radio Free Europe*, 15:37 GMT, October 1. Disponível em <https://www.rferl.org/a/a-state-tv-slip-up-u-s-sanctions-a-french-children-s-video-new-scrutiny-for-putin-s-chef-and-russian-mercenaries-in-africa/30193717.html>
- European Parliament (2018). *Energy as a tool of foreign policy of authoritarian states, in particular Russia*. Study, 27 April, European Parliament’s Committee on Foreign Affairs. Disponível em [https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2018/603868/EXPO_STU\(2018\)603868_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2018/603868/EXPO_STU(2018)603868_EN.pdf)
- Federation of America Scientists (FAS) (2021). Status of World Nuclear Forces: Who owns the world’s nukes? FAS. Disponível em <https://fas.org/issues/nuclear-weapons/status-world-nuclear-forces/>
- Fernandes, S. (2013). A Política Externa da Nova Rússia: entre Velhos Dilemas e Novas Asserções. Em, P. A. Oliveira, ed., *O Fim da URSS, a Nova Rússia e a Crise das Esquerdas*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 125-141.
- Friedman, G. (2021). The Russian Treaty Proposal. *GPF Geopolitical Futures*, December 20. Disponível em https://geopoliticalfutures.com/the-russian-treaty-proposal/?utm_source=GPF+Free+Newsletter&utm_campaign=7a049b931c-20211220_FL_Weekly&utm_medium=email&utm_term=0_f716b3bf65-7a049b931c-264943169&mc_cid=7a049b931c&mc_eid=c4499e9748
- Gaddis, J. L. (2007). *A Guerra Fria*. Lisboa: Edições 70.
- Gressel, G. e Slunkin, P. (2022). Bonfire of sovereignty: Russian tanks in Belarus. *European Council on Foreign Relations (ECFR)*, 25 January. Disponível em <https://ecfr.eu/article/bonfire-of-sovereignty-russian-tanks-in-belarus/>
- Gurganus, J. (2018). Russia: Playing a Geopolitical Game in Latin America. *The Carnegie Endowment for International Peace*, May. Disponível em <https://carnegieendowment.org/2018/05/03/russia-playing-geopolitical-game-in-latin-america-pub-76228>
- Haas, M. (2010). *Russia’s Foreign Security Policy in the 21st Century. Putin, Medvedev and beyond*. Nova Iorque: Routledge.
- Haas, R. (2022). How the United States can strengthen its position in the Indo-Pacific. *The Brookings Institution*, February 2. Disponível em <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2022/02/02/how-the-united-states-can-strengthen-its-position-in-the-indo-pacific/>
- Harchaoui, J. (2021). The pendulum: how Russia sways its way to more influence in libya. *War on the Rocks*, January 7, Texas National Security Review. Disponível em <https://warontherocks.com/2021/01/the-pendulum-how-russia-sways-its-way-to-more-influence-in-libya/>

- Hedenskog, J. (2018). Russia is Stepping Up its Military Cooperation in Africa [pdf]. FOI Memo – 6604, December, *Swedish Defence Research Agency (FOI)*, Estocolmo. Disponível em <https://www.foi.se/en/foi.html>
- Hedenskog, J., Holmquist, E. e Norberg, J. (2018). *Security in the Caucasus: Russian policy and military posture*. Report no. FOI-R--4567--SE, May. Swedish Defence Research Agency (FOI), Estocolmo. Disponível em file://fileprd03/idn/dspgr/ne/edicoes/00-NA%C3%87%C3%83O%20E%20DEFESA/N%C3%BAmeros%20143%20a%20160/2022%20-%20161%20162%20163/ND%20161%20Conflitos%20Armados/FOIR4567.pdf
- Helmus, T., Bodine-Baron, E., Radin, A., Magnuson, M., Mendelsohn, J., Marcellino, W., Bega, A. e Winkelman, Z. (2018). *Russian Social Media Influence: Understanding Russian Propaganda in Eastern Europe*. Santa Monica, CA: Rand Corporation. Disponível em https://www.rand.org/pubs/research_reports/RR2237.html
- Herbst, J. E. e Marczak, J. (2019). Russia's intervention in Venezuela: What's at stake? *Atlantic Council*, September 12. Disponível em <https://www.atlanticcouncil.org/in-depth-research-reports/report/russias-intervention-in-venezuela-whats-at-stake/>
- Iasynskiy, S. (2017). Wagner mercenaries: what we know about Putin's private army in Donbas. *Edited and adapted by Euromaidan Press*, 02:54, October 19. Translated by Peter Koropey. Disponível em <http://euromaidanpress.com/2017/10/19/wagner-mercenaries-what-we-know-about-putins-private-army-in-donbas/>
- Isachenkov, V (2014). Putin signs treaty to add Crimea to map of Russia. *Concord Monitor*, March 19. Disponível em <https://web.archive.org/web/20140320221039/http://www.concordmonitor.com/news/politics/11209502-95/putin-signs-treaty-to-add-crimea-to-map-of-russia>
- Janse, D. (2021). Russian Interests in Afghanistan. *SCEEUS Report No. 1*, October, Stockholm Centre for Eastern European Studies (SCEEUS) at the Swedish Institute International Affairs (UI). Disponível em <https://www.ui.se/forskning/centrum-for-osteuropastudier/sceeus-report/russian-interests-in-afghanistan-sceeus-report-no12021/>
- Jennings, R. (2021). Why Russia Backs China in Disputes with Third Countries. *Voice of America (VOA)*, 12:26 PM, August 19. Disponível em https://www.voanews.com/a/europe_why-russia-backs-china-disputes-third-countries/6209752.html
- Katz, B., Jones, S. G., Doxsee, C., e Harrington, N. (2020). Moscow's Mercenary Wars: The Expansion of Russian Private Military Companies. *Center for Strategic and International Studies (CSIS)*, September, Washington. Disponível em <https://russianpmcs.csis.org/>
- Kononenko, V. (2003). From Yugoslavia to Iraq: Russia's Foreign Policy and the Effects of Multipolarity. *Working Papers 42*, Ulkopoliittinen instituutti (UPI)/The Finnish Institute of International Affairs (FIIA). Disponível em <https://www.files.ethz.ch/isn/14440/WP42.pdf>
- Lowe, C. e Sagdiev, R. (2019). How Russia sank billions of dollars into Venezuelan quicksand. *Reuters*, 11 a. m. GMT, March 14. Disponível em <https://www.reuters.com/investigates/special-report/venezuela-russia-rosneft/>
-

- Maclean, R. (2019). Russians have special status: politics and mining mix in Guinea. *The Guardian*, Tue 27 Aug 05.00 BST, Last modified on Mon 2 Sep, 15.54 BST. Disponível em <https://www.theguardian.com/world/2019/aug/27/russians-have-special-status-politics-and-mining-mix-in-guinea>
- Maslov, A. e Zaytsev, V. (2018). What's Behind Russia's Newfound Interest in Zimbabwe. Carnegie Moscow Center, 14 de novembro. *Carnegie Endowment for International Peace*. Disponível em <https://carnegiemoscow.org/commentary/77707>
- Mendras, M. (2015). The Rising Cost of Russia's Authoritarian Foreign Policy. Em, Cadier, D. e Light, M., eds., *Russia's Foreign Policy Ideas, Domestic Politics and External Relations*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, pp-80-96.
- Michels, G. (2022). The missing piece about Putin and Ukraine. *University of California*, March 17. Disponível em <https://www.universityofcalifornia.edu/news/missing-piece-about-putin-and-ukraine>
- Milo, J. (2019). Russia's relationship with Angola in the spotlight again as Lavrov visits Luanda. *Foreign Brief*, Daily Brief, August 26. Disponível em <https://www.foreignbrief.com/daily-news/russias-relationship-with-angola-in-the-spotlight-again-as-lavrov-visits-luanda/>
- Ministério dos Negócios Estrangeiros da Rússia (2021). Treaty between the United States of America and the Russian Federation on Security Guarantees. *Ministério dos Negócios Estrangeiros da Rússia*, 13:30, 17 December 2021. Disponível em https://mid.ru/ru/foreign_policy/rso/nato/1790818/?lang=en
- Neethling, T. (2019). Russia is expanding its strategic influence in Africa. *Quartz Africa*, February 8. Disponível em <https://qz.com/africa/1546037/russia-is-expanding-its-strategic-influence-in-africa/>
- O'Connor, T. (2022). Putin Shores Up Cuba, Venezuela Ties as Tensions with U.S. Worsen Over Ukraine. *Newsweek*, at 7:36 PM EST, January 24. Disponível em <https://www.newsweek.com/putin-shores-cuba-venezuela-ties-tensions-us-worsen-over-ukraine-1672365>
- Orozco, J e Llana, S. (2008). Cold war echo: Russian military maneuvers with Venezuela. *The Christian Science Monitor*, September 12. Disponível em <https://www.csmonitor.com/World/Americas/2008/0912/p01s05-woam.html>
- Perera, F. (2021). Russia and Latin America: Flexible, Pragmatic, and Close (Chap. 5). Em, Graeme P. Herd, ed., *Russia's Global Reach: A Security and Statecraft Assessment*. Garmisch-Partenkirchen: George C. Marshall European Center for Security Studies, pp. 34-43. Disponível em https://www.marshallcenter.org/sites/default/files/files/2021-04/Russia%27s_Global_Reach_A_Security_and_Statecraft_Assessment_0.pdf
- Petersen, F. (2008). Chavez and Medvedev vow continued cooperation. *France 24*, issued on: 27/11/2008, 18:32; modified: 27/11/2008, 22:54. Disponível em <https://www.france24.com/en/20081127-chavez-medvedev-vow-continued-cooperation-russia-venezuela>

- Pildegovičs, T., VanSant, K., e Hanley, M., eds. (2019). *Russia's Activities in Africa's Information Environment. Case Studies: Mali and Central African Republic*. NATO Strategic Communications. Disponível em https://stratcomcoe.org/pdfjs/?file=/publications/download/russias_activities_in_africa_nato_stratcom_coe_05-03-2021-1.pdf?zoom=page-fit
- Putin, V. (2007). A speech delivered at the MSC 2007 by the President Vladimir Putin. Disponível em https://is.muni.cz/th/xlghl/DP_Fillinger_Speeches.pdf
- Qiu, S. e Osborn, A. (2021). Russia, China push for U. N. Security Council summit, lash out at West. *Reuters*, 6:05 AM, March 23. Disponível em <https://www.reuters.com/article/us-russia-china-un-idUSKBN2BF0GO>
- Quashie, S. (2015). Russia in Africa: Why Moscow is banking on Africa to counter America's global dominance. *The Massive Company*, Dec 17. Disponível em <https://medium.com/akoma-media/russia-in-africa-why-moscow-is-banking-on-africa-to-counter-america-s-global-dominance-4b8e5cf1f82e>
- Radio Free Europe (2002). Russia rejects U.S. invitation to join anti-iraq coalition. *Radio Free Europe*, 00:00 GMT, December 04. Disponível em <https://www.rferl.org/a/1142811.html>
- Ramani, S. (2021). Russia's Strategy in the Central African Republic. *The Royal United Services Institute*, 12 February 2021. Disponível em <https://rusi.org/explore-our-research/publications/commentary/russias-strategy-central-african-republic>
- Roblin, S. (2019). Venezuela Borrowed \$10 Billion from Russia to Pay for Jet Fighters and Tanks. It Can't Pay It Back. *The National Interest*, July 27. Disponível em <https://nationalinterest.org/blog/buzz/venezuela-borrowed-10-billion-russia-pay-jet-fighters-and-tanks-it-cant-pay-it-back-69467>
- Roguski, P. (2020). Russian Cyber Attacks Against Georgia, Public Attributions and Sovereignty in cyberspace. *Just Security*, March 6. Disponível em <https://www.justsecurity.org/69019/russian-cyber-attacks-against-georgia-public-attributions-and-sovereignty-in-cyberspace/>
- Romero, S. e Levy, C. (2008). Russia and Venezuela Confirm Joint Military Exercises. *The New York Times*, September 8. Disponível em <https://www.nytimes.com/2008/09/09/world/americas/09venez.html>
- Russia Federation (RF) (2021). *National Strategy of the Russian Federation*. Disponível em https://www.academia.edu/49526773/National_Security_Strategy_of_the_Russian_Federation_2021
- Schwartz, M. e Borgia, G. (2019). How Russia Meddles Abroad for Profit: Cash, Trolls and a Cult Leader. *The New York Times*, Nov 11. Disponível em <https://www.nytimes.com/2019/11/11/world/africa/russia-madagascar-election.html>
- Smith, A., Shabad, R. e Pettypiece, S. (2022). Russia adds 7,000 troops to Ukraine border, despite claims it would withdraw some forces, U.S. says. *CNBC*, Published: Wed, Feb 16 7:22 PM EST; Updated: Wed, Feb 16 8:13 PM EST. Disponível em <https://www.cnbc.com/2022/02/16/russia-adds-7000-troops-to-ukraine-border.html>

com/2022/02/16/russia-adds-7000-troops-to-ukraine-border-despite-claims-it-would-withdraw-some-forces-us-says.html

- Statista (2020). Crise en Venezuela: ¿De lado de Maduro o del de Guaidó? *Statista*, 27 ene 2020. Disponível em <https://es.statista.com/grafico/16786/apoyo-internacional-expresado-a-guaido-y-maduro/>
- Stoner, K. e McFaul, M. (2015). Who Lost Russia (This Time)? Vladimir Putin. *The Washington Quarterly*, 38(2), pp. 167-187, DOI: 10.1080/0163660X.2015.1064716
- Stronski, P. (2020). There Goes the Neighborhood: The Limits of Russian Integration in Eurasia. *Carnegie Endowment for International Peace*, September, 2020. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/pdf/resrep26175.1.pdf>
- Tabachnik, M. (2019) Defining the nation in Russia's buffer zone: the politics of citizenship by birth on territory (*jus soli*) in Moldova, Azerbaijan, and Georgia. *Post-Soviet Affairs*, 35(3), pp. 223-239, DOI: 10.1080/1060586X.2018.1542868
- The Economist (2019). Vladimir Putin flaunts Russia's increasing influence in Africa. *The Economist*, Oct 26th. Disponível em <https://www.economist.com/middle-east-and-africa/2019/10/24/vladimir-putin-flaunts-russias-increasing-influence-in-africa>
- The White House (2022). *Indo-Pacific Strategy of the United States*. The White House, February, Washington. Executive Office of the President, National Security Council. Disponível em <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2022/02/U.S.-Indo-Pacific-Strategy.pdf>
- Thorun, C. (2009). *Explaining Change in Russian Foreign Policy: The Role of Ideas in Post-Soviet Russia's Conduct towards the West*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- Tian, N. e Silva, D. (2019). The crucial role of the military in the Venezuelan crisis. *Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI)*, 2 April. Disponível em <https://www.sipri.org/commentary/topical-background/2019/crucial-role-military-venezuelan-crisis>
- Toal, G. (2017). *Near Abroad: Putin, the West, and the Contest over Ukraine and the Caucasus*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- Tomé, L. (2018). Geopolítica da Rússia de Putin: não é a União Soviética, mas gostava de ser... *Relações Internacionais*, n.º 60, pp. 69-99.
- Toucas, B. (2017). Russia's Design in The Black Sea: Extending the Buffer Zone. *Center for Strategic and International Studies (CSIS)*, June 28. Disponível em <https://www.csis.org/analysis/russias-design-black-sea-extending-buffer-zone>
- Trenin, D. (2001). *The End of EURASIA: Russia on the Border Between Geopolitics and Globalization*. Washington: Carnegie Moscow Center.
- United Nations Security Council (UNSC) (2002). *Security Council: Resolution 1441 (2002)*. Adopted by the Security Council at its 4644th meeting, on 8 November 2002. Disponível em <https://www.un.org/Depts/unmovic/documents/1441.pdf>

- Vartanyan, O. (2021). A Risky Role for Russian Peacekeepers in Nagorno-Karabakh. *Italian Institute for International Political Studies*, 10 November. Disponível em <https://www.ispionline.it/en/pubblicazione/risky-role-russian-peacekeepers-nagorno-karabakh-32100>
- Weiss, S. (2022). Putin's Latin American connection. *International Politics and Society (IPS)*, March 3. Disponível em <https://www.ips-journal.eu/topics/democracy-and-society/putins-latin-american-connection-5761/>
- Wezeman, P., Kuimova, A. e Wezeman, S. (2021). Trends in International Arms Transfers, 2020. *SIPRI Fact Sheet*, March. Solna: SIPRI. Disponível em https://sipri.org/sites/default/files/2021-03/fs_2103_at_2020.pdf
- Whitmore, B. (2022). Ukraine faces mounting encirclement as Russian troops enter Belarus. *Atlantic Council*, January 19. Disponível em <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/belarusalert/ukraine-faces-mounting-encirclement-as-russian-troops-enter-belarus/>
- World Barometer (2021). *GDP by Country*. Disponível em <https://www.worldometers.info/gdp/gdp-by-country/>